

Sport: laboratório de história do esporte e do lazer - projetos de patrimônio esportivo

Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer - sporting heritage projects

Victor Andrade de Melo *

Fábio de Faria Peres **

Resumo: No ano de 2006, foi criado o Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada/UFRJ, herdeiro de outras iniciativas: o Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ (ainda existente, sob outra coordenação) e o Espaço Virtual de História do Esporte. Pretende-se que seja um núcleo de excelência que tem como centro de sua atuação os estudos históricos dedicados às práticas corporais institucionalizadas (esporte, educação física, dança, ginástica, capoeira, entre outras). Um de seus objetivos é contribuir para a preservação da memória do esporte (documentos, fotografias, obras de arte, filmes, letras de música, obras literárias, depoimentos e todo tipo de indício que possa ser utilizado no desenvolvimento de investigações), fazendo uso de recursos eletrônicos/internet para difusão do material coletado. Memória Social do Esporte, a propósito, é uma das suas linhas de pesquisa. Apesar dessa preocupação, só mais recentemente se estruturou um projeto que se debruça especificamente sobre o tema do patrimônio esportivo. Desde então, além da continuidade dessa iniciativa, estão em curso outro projeto de pesquisa e dois de difusão. Além disso, foram publicados livros de divulgação. Este texto tem por objetivo apresentar tais ações com o intuito de dar uma colaboração ao debate sobre o patrimônio esportivo, na mesma medida em que intenta estimular interessados para integrar propostas futuras relacionadas ao assunto.

Palavras-chave: Patrimônio Esportivo. História do Esporte. Arqueologia do Esporte.

Abstract: In 2006, it was created the Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, linked to the Postgraduate Program in Comparative History/UFRJ, heir to other initiatives: the Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ (still in existence, under other coordination) and the Espaço Virtual de História do Esporte. It is intended to be a center of excellence dedicated to historical studies of institutionalized body practices (sports, physical education, dance, gymnastics, capoeira, among others). One of its objectives is to contribute to the preservation of the sport's memory (documents, photographs, pieces of art, films, lyrics, literary works, testimonies and any type of evidence that may be used in the development of investigations), making use of electronic/internet resources for disseminating the collected material. Sports Social Memory, by the way, is one of its lines of research. Despite this concern, only recently has a project been structured that focuses specifically on the topic of sporting heritage. Since then, in addition to the continuity of this initiative, another research project and two dissemination projects are underway. In addition, some books were published. This text aims to present such actions in order to collaborate with the debate on sporting heritage, in the same measure that it intends to stimulate other researchers to integrate future proposals related to the subject.

Key-words: Sporting heritage. Sport History. Sport Archaeology

* Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

** Fiocruz. E-mail: peres.ff@gmail.com

Introdução

No ano de 2006, foi criado o Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada/UFRJ. O grupo é herdeiro de outras iniciativas: o Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ (ainda existente, sob outra coordenação) e o Espaço Virtual de História do Esporte, projeto, a princípio, financiado pela Faperj, desdobramento do Instituto Virtual do Esporte.

O Sport pretende ser um núcleo de excelência que tem como centro de sua atuação os estudos históricos dedicados às práticas corporais institucionalizadas (esporte, educação física, dança, ginástica, capoeira, entre outras). Seus membros são professore(a)s e aluno(a)s de graduação e pós-graduação, oriundos de várias áreas de conhecimento e instituições. Suas atividades buscam articular a pesquisa (em todas suas dimensões), o ensino (de graduação e pós-graduação) e a extensão (organização de eventos científicos e iniciativas de difusão)¹.

Como já ocorrera nas iniciativas anteriores que lhe deram origem, um dos objetivos do Laboratório é contribuir para a preservação da memória do esporte (documentos, fotografias, obras de arte, filmes, letras de música, obras literárias, depoimentos e todo tipo de indício que possa ser utilizado no desenvolvimento de estudos históricos), fazendo uso de recursos eletrônicos/internet para difusão do material coletado². Memória Social do Esporte, a propósito, é uma das suas linhas de pesquisa³.

A despeito dessa preocupação com a preservação da memória, só mais recentemente se estruturou um projeto que se debruça especificamente sobre o tema do patrimônio esportivo. Desde então, além da continuidade dessa iniciativa, estão em curso outro projeto de pesquisa e dois de difusão. Além disso, foram publicados livros de divulgação, relacionados a um programa de caráter nacional que não chegou ao final.

Este texto tem por objetivo apresentar essas ações do Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer relacionadas ao tema do patrimônio esportivo. Nosso intuito é dar uma contribuição ao debate sobre o tema na mesma medida em que intenta estimular interessados para integrar propostas futuras relacionadas ao assunto.

¹ Para mais informações sobre o Laboratório, ver: <https://historiasport.wordpress.com/>.

² O outro objetivo é desenvolver estudos históricos com o intuito de discutir as práticas corporais institucionalizadas nos diversos contextos sociais em que se insere.

³ As outras linhas de pesquisa são: História Política do Esporte, História Cultural do Esporte, História Comparada do Esporte e História Econômica do Esporte.

Patrimônio Esportivo: um projeto de pesquisa, dois projetos de difusão

Em alguma medida, as preocupações com o patrimônio esportivo das cidades tiveram início com um dos primeiros projetos do Laboratório: Memória do Esporte na Imprensa. Foi percorrendo as páginas dos periódicos do século XIX e início do século XX que tomamos conhecimento da importância e grande presença social de clubes, o que nos alertou para os indícios materiais que ainda sobreviveram ao tempo, resistiram à sanha do progresso que durante muito tempo não encontrou limites no seu processo de destruição.

Esse projeto – apoiado por diversas agências de fomento, ganhou nova dinâmica graças ao encontro com Roberto Gesta de Melo, maior colecionador brasileiro de peças esportivas, um dos maiores do mundo. Sua “Galeria Olímpica”, localizada na cidade de Manaus, possui mais de 70.000 itens dos mais variados perfis (selos, cartazes, material esportivo, medalhas, troféus, tochas, artefatos, livros, memorabilia em geral etc.).

A partir de sua intermediação, com apoio da Caixa Econômica Federal e da Confederação Brasileira de Atletismo, foi desenvolvido o projeto Memória do Esporte no Brasil, cujo objetivo era produzir livros ilustrados e *e-books* sobre os primórdios do campo esportivo em nove cidades brasileiras, escolhidas por sua importância na transição dos séculos XIX e XX: Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo.

A ideia era fazer um grande mapeamento das iniciativas esportivas, bem como dar visibilidade ao acervo da coleção Gesta de Melo. Na primeira fase, foram desenvolvidos projetos de pesquisa nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo.

A despeito de a investigação ter sido concluída nessas quatro cidades, os problemas políticos que houve no Brasil nos anos de 2015/2016 acabaram por interromper o projeto, sendo lançados apenas dois livros: “Primórdios do Esporte no Brasil – Salvador”, de Coriolano Pereira da Rocha Júnior e Henrique Sena dos Santos, e “Primórdios do Esporte no Brasil – Rio de Janeiro”, de Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres.

Destaque-se que, a partir dessa experiência, mais dois livros semelhantes, com um caráter simultâneo de difusão e mapeamento, foram lançados, um sobre o Rio de

Janeiro (“Rio Esportivo: uma história do esporte na cidade”) e outro sobre Niterói (“A vida esportiva de Niterói”).

Esse contato com Roberto Gesta de Melo resultou em outro projeto importante no que tange ao tema do patrimônio esportivo: a participação na curadoria e produção dos textos da exposição “Esporte Movimento”⁴. Foram 2.000 peças de seu acervo apresentadas nas sete unidades da Caixa Cultural espalhadas pelo Brasil.

A partir dessas experiências, surgiu a ideia de desenvolver o projeto “Patrimônio Esportivo”, num momento em que o tema ainda não era tão conhecido no cenário nacional. Nossas inquietações foram sistematizadas no artigo “Patrimônio esportivo: um tema de investigação”, de autoria de Vivian Fonseca, Fabio de Faria Peres e Victor Andrade de Melo, publicado na revista Projeto História (v. 59, 2017).

Abordamos centralmente dois temas: “Patrimônio esportivo: à busca de uma definição” e “Patrimônio esportivo: um panorama”. Fizemos também uma busca e debate acerca dos processos de patrimonialização aceitos e negados de bens materiais e imateriais ligado ao esporte nas esferas federal, estadual e municipal. Nesse artigo, assumimos também um conceito:

estamos considerando como patrimônio esportivo em potencial os bens materiais (instalações, clubes, locais onde o esporte foi praticado, fâmulas, medalhas, selos, fotografias, cartazes, taças, moedas, documentos, material, entre muitas outras coisas) e imateriais (formas de torcer, maneiras de praticar o esporte, processos de preparação de equipamentos, entre outros) que podem ser registrados como fatores de resguardo da memória para fins diversos (MELO; FONSECA; PERES, 2017)⁵.

Pari passu com essas iniciativas, colocamos em marcha o projeto “Esporte também é patrimônio – memória esportiva dos bairros cariocas”, apoiado pelo CNPq e pela Faperj. Partimos do princípio que esporte, memória e patrimônio são temas de destaque na sociedade contemporânea, até mesmo por isso chamando cada vez mais a atenção de cientistas sociais.

No caso do Rio de Janeiro, a articulação desses temas se exponenciou nos últimos anos em função dos megaeventos esportivos já que um de seus desdobramentos foi um grande processo de reforma urbana, desencadeando-se

⁴ Disponível em: <<http://www.caixacultural.com.br/sitepages/unidade-downloads.aspx?uid=9>> Acesso em: 23 Março 2021.

⁵ Bromberger (2006) classifica o patrimônio esportivo em: edifícios e equipamentos; representações (pinturas, gravuras, esculturas etc.); arquivos audiovisuais (fotografias e filmes); objetos emblemáticos do esporte (aparelhos, equipamentos, vestimentas, troféus etc.); textos impressos e publicados; testemunhos orais, saberes e saber-fazer.

debates diversos que vão da recuperação de antigas áreas ao direito dos cidadãos à cidade.

Dialogando com essas ocorrências recentes, o projeto busca compreender a partir de quais motivações determinadas manifestações esportivas foram patrimonializadas, bem como os critérios que levaram outras a serem preteridas na política de salvaguarda dos diferentes poderes públicos. Temos em vista que a construção de objetos patrimonializáveis somente pode ser entendida se considerarmos que não são intrinsicamente dotados de valor, sendo esse atribuído por atores, interesses e critérios estabelecidos em cada momento (GONÇALVES, 1996; FONSECA, 2014).

O intuito é chamar a atenção para o tema do patrimônio esportivo, entabulando um registro inicial, tendo em conta futuros projetos de intervenção. Assim sendo, é também objetivo da investigação mapear a distribuição geográfica dos bens materiais e imateriais ligados ao esporte, procurando compreendê-los dentro da dinâmica dos bairros nos quais estão inseridos, a fim de melhor desvendar o papel que desempenhou a prática na cidade do Rio de Janeiro em diferentes momentos.

Busca-se perceber como as diversas modalidades se estruturaram ao longo dos séculos XIX e XX, bem como de que maneira locais e objetos associados a essas práticas se relacionaram com a política de ocupação urbana em curso até o final dos anos 1960, quando, no estado da Guanabara, foi regulamentada a salvaguarda dos bens patrimoniais.

A proposta é confeccionar tanto um grande mapa do esporte no Rio de Janeiro quanto “Guias do Patrimônio Histórico-Esportivo de bairros”, material que possa contribuir para a educação de uma sensibilidade que reconheça o esporte como patrimônio comum inscrito no espaço da cidade.

Há que se reconhecer que o fenômeno esportivo tem recebido pouca atenção quando se trata da patrimonialização de bens e da preservação da memória da cidade, mesmo que tenha significativa presença social. Nesse sentido, é relevante dar maior atenção ao tema, ainda mais que, estamos de acordo com Ramshaw (2005, p. 1): “paisagens esportivas são bons exemplos de paisagens culturais”.

As ocorrências esportivas são importantes esferas da vida cotidiana, ao redor das quais se constituíram muitos “lugares de memória” (NORA, 1993) ou “espaços que contém um tempo” (RICOEUR, 1998). Nesse sentido, podemos inferir que a história, a memória e o patrimônio do esporte na cidade – a despeito das diferenças

epistemológicas dessas formas de representar o passado – serão sempre história, memória e patrimônio da cidade.

A despeito disso, muito do que poderia se constituir em patrimônio esportivo tem rapidamente se perdido, conformando o que Márcia Motta (apud ZEPEDA, 2015) denominou de “patrimônio fantasma”, aquilo que a despeito de seu potencial valor tem sido submetido a um processo de esquecimento ou mesmo apagamento em função de certos interesses que marcam a configuração do espaço urbano, como, por exemplo, a especulação imobiliária.



Figura 1 - Antiga sede do Ciclo Suburbano Clube, localizada na esquina das Ruas Capitão Couto Menezes e Capitão Macieira, bairro de Madureira. Exemplo de instalação esportiva que, a despeito de ser tombada por órgão de preservação de patrimônio (nesse caso municipal), se encontra em péssimo estado de conservação e tem história pouco conhecida.

Fonte: Google View, 2020.

Portanto, procurar decifrar a relação entre patrimônio, memória e as práticas esportivas constitui uma tarefa que envolve olhar a “cidade que se vê e a que não se vê, oculta e esquecida” (PESAVENTO, 2008, p. 6). Trata-se de algum modo (e com as devidas ressalvas) de buscar (re)animar as experiências dos indivíduos e da vida social em que estavam inseridos, isto é, reconfigurar traçados, vivências e materialidades urbanas.

Para alcance dos objetivos de nossa proposta, adaptamos as cinco fases para projetos de patrimônio esportivo sugeridas por James Wood (2005) a partir de experiência desenvolvida em Manchester. Da mesma maneira, temos em conta o que esse autor considera serem contribuições de ações dessa natureza: a) recuperar tradições esportivas que podem fortalecer as identidades locais; b) possíveis vantagens econômicas relacionadas ao turismo; c) benefícios para o desenvolvimento de ambientes ligados ao esporte e à recreação que possam ser utilizadas pela

população; d) recuperação e valorização do patrimônio físico; e) mobilização da comunidade em torno de uma causa.

Na primeira fase do projeto, buscamos em periódicos publicados no Rio de Janeiro, fazendo uso dos recursos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, num período de longa duração (século XIX até os anos 1980), as experiências esportivas desenvolvidas em bairros/regiões da cidade, a fim de as referenciar no espaço geográfico. Procuramos identificar personagens, sejam pessoas ou instituições, e lugares, sejam formais ou não formais.

Utilizamos, até mesmo por ter em conta as mudanças dos panoramas da cidade, sistemas de informação geográfica (SIG) que nos permitem cruzar indícios do passado (endereços e fotos) com a atual conformação cartográfica. Para Baas e Gibson (2015, p. 3), “a capacidade de associar fontes de informação histórica fora dos SIG tradicionais, e referenciá-los espacialmente, proporciona aos usuários a possibilidade de processar e analisar informações tradicionais de forma completamente nova”. Especificamente, pretendemos trabalhar com o georreferenciamento, “o processo de atribuir coordenadas do mundo real a uma camada de informação, como um mapa de papel ou escaneado” (BAAS; GIBSON, 2015, p. 4).

Estamos de acordo com esses autores que o uso dessas estratégias tem pelo menos duas grandes potencialidades. Uma delas é, de maneira mais precisa, “documentar mudanças em paisagens ao longo do tempo” (BAAS; GIBSON, 2015, p. 5). A segunda tem a ver com o que se espera desse esforço de investigação: a exatidão de pesquisas históricas com o uso de SIG facilita uma conexão emocional mais forte dos cidadãos com sua comunidade.

Numa segunda fase, pretendemos visitar os locais selecionados, fotografar o atual estado do identificado e estabelecer uma comparação entre os diversos momentos. A partir desse esforço, daremos início à terceira fase, a preparação e o lançamento dos “Guias do Patrimônio Histórico-Esportivo”, por bairros/regiões, a serem publicados em papel e disponibilizados em e-book.

Após esse momento, na quarta fase, pretendemos dar sequência às nossas iniciativas buscando a aplicação do material produzido. Não temos ainda totalmente claro como encaminharemos essa etapa, mas já há algumas ideias: a) organizar projetos de extensão com professores para que possam incorporar o material em suas aulas; b) atuar com membros da comunidade local tanto para recuperar por meio de

história oral algumas memórias sobre o esporte na região quanto para apresentar para um público ampliado de moradores as informações sobre o bairro/região; c) produzir roteiros turísticos para contribuir com o estímulo de trânsito dos habitantes pela cidade.

Trata-se de pensar estratégias de envolvimento e engajamento de grupos sociais, afastando-se de visões idealizadas de preservação, de posturas saudosistas, de ações que não digam respeito à comunidade, pensando o patrimônio como “sistemas de relações sociais e simbólicas, capazes de operar uma mediação sensível entre o passado, o presente e o futuro” (GONÇALVES, 2015, p. 216).

Até o momento, lançamos o sítio do projeto com os primeiros avanços no processo de mapeamento (<http://patrimonioesportivo.org/>). Esse material está em constante atualização. Como novidades relevantes, recentemente incluímos informações sobre Niterói e começamos a fazer o mesmo com agremiações dos subúrbios do Rio de Janeiro. Aguardamos também o fim das restrições estabelecidas em função da crise pandêmica para dar sequência à iniciativa.



Figura 2 - À esquerda, visão atual da sede do Sepetiba Futebol e Regatas (ocupada por uma igreja). À direita, a sede ainda com referências ao clube. Disponível em: <https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/170373046476724/?type=3&theater> . Fonte: Google View, 2020.

Esse projeto tem sido desenvolvido por Vivian Fonseca, Fabio de Faria Peres e Victor Andrade de Melo. Os dois últimos, em conjunto com Ricardo Pinto dos Santos, têm estruturado uma iniciativa de difusão cultural que se articula com os debates do patrimônio esportivo: “Viagem aos tempos do sport”.

Por meio de programas de internet de no máximo 10 minutos, o intuito é dar ao grande público a oportunidade de conhecer os principais acontecimentos e locais esportivos da cidade do Rio de Janeiro. Já foram lançados três vídeos, dois dedicados

ao turfe e um ao remo, disponíveis em <https://www.youtube.com/channel/UCqKdftolQzXUmgQJ2Umlw-g>

Recentemente, articulado com todas essas iniciativas, Marcus Macri e Victor Andrade de Melo lançaram um novo projeto: “Roteiros Sportivos”. O intuito é apresentar um pouco da história do Rio de Janeiro por meio de suas experiências de diversão, entre as quais as relacionadas ao esporte. A iniciativa pretende ajudar a refletir sobre as mudanças urbanas e de comportamento da cidade.

Tendo em conta que vivemos tempos de pandemia, sugerimos circuitos turísticos virtuais. Para quando tudo voltar ao “normal”, apresentamos alternativas de percursos que foram pensados para serem feitos a pé ou com o apoio do VLT. Vislumbramos no futuro promover encontros presenciais para percorrer os caminhos indicados.

O primeiro roteiro procura localizar, na cidade do Rio de Janeiro da atualidade, os antigos estabelecimentos de Jogo da Bola, espaços nos quais os cariocas dos séculos XVIII e XIX procuravam diversão. A cidade mudou radicalmente. Muitos logradouros trocaram de nome e mesmo desapareceram. Mas algumas reminiscências do passado persistem, inclusive a Rua do Jogo da Bola, situada no Morro da Conceição, região central. A partir dessa motivação, pretendemos estimular o público a melhor conhecer a cidade por meio de uma das manifestações de seu patrimônio esportivo. Essa primeira atividade está disponível em <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1L9J6pkgMBeQmDXMwwyR7tK0ByLE9KXfM&ll=-22.905480263903307%2C-43.180018100000005&z=15>

Todos esses projetos citados procuram abordar o tema do patrimônio esportivo por meio de sua inter-relação com os aportes da História e da Geografia. Outra ação ligada ao tema parte de diálogos mais diretos com a Arqueologia.

Prado Guarani: uma arqueologia do esporte

Ainda mais do que ocorre no que tange às relações entre patrimônio e esporte, no cenário nacional, é pequena a utilização da Arqueologia na realização de investigações de temas esportivos. Na verdade, até o momento em que começamos a desenvolver o projeto “Prado Guarani: uma arqueologia do esporte”, até os dias atuais, não identificamos nenhuma iniciativa semelhante no Brasil. Mesmo no âmbito internacional, não há grande número de estudos desenvolvidos nessa perspectiva (WOOD, 2016).

Esse projeto está sendo desenvolvido por Victor Andrade de Melo, André Chevitarese e Leonardo Amatzuzi. A motivação inicial se deu em função da localização dos hipódromos existentes no Rio de Janeiro do século XIX. Houve na cidade seis prados. Desses, há plantas e indicações nos mapas de quatro: Jockey Club, Turf Club, Derby Club e Hipódromo Nacional.

Há poucas informações sobre o Prado do Clube de Corridas de Vila Isabel, o que não surpreende por não ter tido longa duração. O mesmo ocorre com o Prado Guarani. Esse, todavia, perdurou por mais de cinco anos. Duas questões, assim, nos motivaram: por que esse “não registro”? Onde se encontrava o hipódromo?

Consideramos que investigar:

as paisagens nas quais essas experiências se desenrolaram parece ser um esforço interessante no que tange a desvendar mais uma faceta da história da cidade, inclusive do ponto de vista do patrimônio esportivo. (...). Da mesma forma, melhor conhecer os artefatos decorrentes das vivências com o esporte pode ajudar a ampliar nosso olhar sobre o fenômeno e sobre a urbe que as acolheu (MELO; CHEVITARESE, 2020, p. 8).

Dialogamos com Baas e Gibson que consideram que investigar cenários esportivos, é, em última instância, uma estratégia para explicitar “as crenças e valores de uma sociedade”. No seu olhar:

Paisagens esportivas são locais onde eventos esportivos e atléticos são realizados. Campos de golfe, estádios de baseball, arenas esportivas, vilas olímpicas e a pista de corrida da escola local são apenas alguns exemplos de paisagens esportivas. Tipicamente, por serem locais de reunião pública, paisagens esportivas incorporam as memórias compartilhadas de uma sociedade. Comunidade, festas, vitórias e decepções são experiências coletivas de paisagens esportivas (BASS; GIBSON, 2015, p. 4).

Em nosso entender, uma arqueologia do esporte investiga “um tipo particular de materialidade diretamente associada a um fenômeno que tem sido intensamente acessado por diversos setores da sociedade. Trata-se de prospectar e interpretar artefatos e paisagens nas quais essas experiências ocorreram” (MELO; CHEVITARESE, 2020, p. 9).

Nosso primeiro passo foi tentar compreender as motivações que levaram à falta de atenção com o Prado Guarani. Tratou-se de um estudo histórico desenvolvido tendo como fontes os periódicos nacionais (MELO; CHEVITARESE, 2018). Ao fim, concluímos que se tratou de um desdobramento das tensões que havia entre os dirigentes das agremiações turfísticas.

O hipódromo investigado era dirigido por gente de estrato médio que não fazia parte da elite econômica da cidade, desses recebendo diversas formas de oposição. Contando, efetivamente, com uma frequência mais popular, acabou ganhando uma má fama, a despeito de ser muito apreciado e elogiado por determinados grupos.

Contribuiu para seu baixo registro iconográfico o fato de que houve um apagamento da região na qual se encontrava o hipódromo, algo que se deu em função das reformas urbanas e posterior mudança de vocação da zona, o que lhe deu um certo ar de decadência. Assim sendo, concluímos que

a experiência do Prado Guarany nos parece mesmo um bom caso para discutir a relação do esporte com processos de urbanização, as tensões entre grupos sociais na dinâmica cidadina, a articulação desses fatores com a construção de memórias – lembranças ou apagamentos – da cidade (MELO; CHEVITARESE, 2018, p. 255).

Concluída essa primeira fase, tornou-se nosso intuito localizar com a maior precisão possível o espaço onde se encontrava o Prado Guarani. Para tal, procedemos uma arqueologia da paisagem (SOUSA, 2005; FAGUNDES, 2009; BUENO, 2016), cruzando informações disponíveis em obras de arte, fotografias, mapas, periódicos. Além disso, em visitas de campo fizemos medições por meio de GPS para ter maior segurança acerca da localização do hipódromo.

Adotamos a arqueologia da paisagem por considerar que uma de suas potencialidades é:

possibilitar um entendimento mais profundo das relações entre os indivíduos e os ambientes que o cercam. Compreender o processo de mudanças do uso/apropriação dos espaços no decorrer do tempo pode ser uma eficaz estratégia para lançar um olhar sobre a dinâmica social. Até mesmo por isso, é importante que se tenham em conta as intervenções entabuladas no momento em que a pesquisa está sendo realizada (MELO; CHEVITARESE, 2020, p. 5).

Depois de concluída a investigação, conseguimos gerar uma imagem da localização do Prado Guarany. Em vermelho, a delimitação do hipódromo. Em azul, suas possíveis entradas. Em verde, os prováveis locais das arquibancadas. Em lilás, a pista e o lago central.

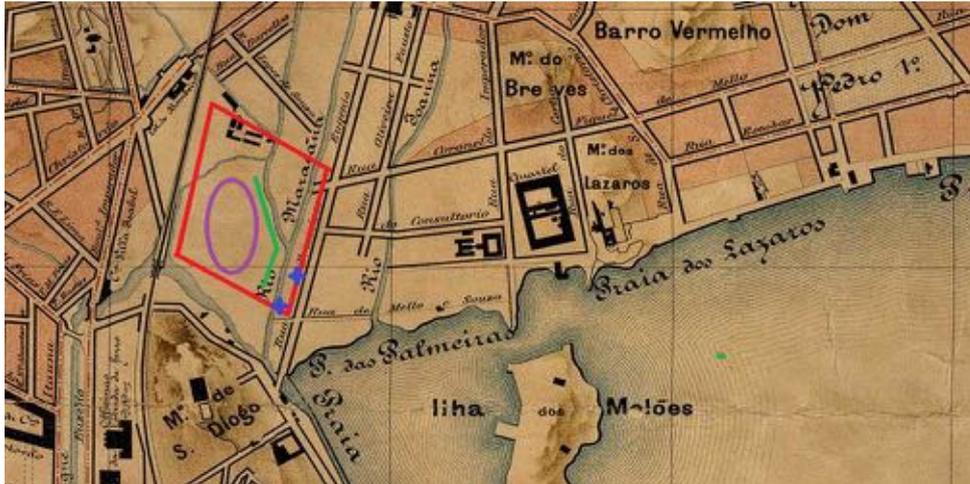


Figura 3 - MASCHEK, E. de. Planta da Cidade do Rio de Janeiro e de Uma Parte dos Subúrbios [entre 1885 e 1905]. Fonte: Biblioteca Nacional.

O hipódromo foi instalado na grande área vazia onde antes havia o Matadouro da Praça da Bandeira. Assim sendo, se localizava onde hoje se encontra a Estação Barão de Mauá/Leopoldina. Dada a característica do espaço, vislumbramos uma boa potencialidade de promover uma prospecção arqueológica.

Essa fase em curso da investigação se mostrou mais árdua do que esperávamos, pois tivemos que lidar com todas as idiossincrasias da burocracia nacional. A Estação da Leopoldina foi parte da Rede Ferroviária Federal, passou para o âmbito estadual, posteriormente para uma empresa privada. Havia tratativas de ser ocupada pelo Poder Judiciário. Na prática, ainda que sob fiscalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as instalações estão em péssimo estado de conservação.

Tivemos, portanto, que estabelecer conversações com todos esses órgãos em meio a um período instável da política nacional e estadual, com uma série de mudanças de responsáveis. Além disso, no meio de todas essas idas e vindas, o Museu Nacional pegou fogo (estávamos contando com a estrutura operacional do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia lá sediado) e se iniciou a crise pandêmica.

Em novembro de 2020, depois de quase dois anos de trâmites, recebemos finalmente todas as autorizações para dar início às prospecções arqueológicas à busca de indícios materiais do Prado Guarani. Caso encontremos boas evidências, sempre lembrando que a área em tela sofreu muitas intervenções no decorrer do tempo, a ideia é futuramente fazer uma intervenção mais profunda.

Para dar início aos trabalhos, oferecemos uma disciplina prática no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Serão 12 alunos para, sob nossa supervisão, escavarem pontos estrategicamente definidos a partir de nossas investigações anteriores.

A ideia inicial é que a prospecção fosse realizada em janeiro de 2021. Em função do acirrar da crise pandêmica, foi adiada até termos condições de segurança. De toda forma, seguimos empolgados para dar sequência a esse trabalho pioneiro de arqueologia do esporte no Brasil, vislumbrando melhor compreender suas potenciais contribuições para os estudos históricos, estudos urbanos e reflexões sobre a importância do patrimônio.

À guisa de conclusão

para uma atividade com um papel tão fundamental em nossas vidas, os ambientes históricos em que se realizam esportes permanecem largamente despercebidos. Em particular, o crescimento e desenvolvimento de campos e instalações esportivas em grande medida escapou à atenção do setor do patrimônio. Como consequência, quando comparado a outras áreas, a documentação e preservação do nosso patrimônio esportivo tem sido fragmentada, inadequada e de baixo nível (WOOD, 2005, p. 137).

A despeito de ainda ser um tema pouco discutido, que merece maior atenção por parte dos mais distintos setores – poderes públicos, meio acadêmico, sociedade civil em geral –, nos últimos anos, houve significativos avanços no que tange ao debate e à promoção de iniciativas ligadas ao patrimônio esportivo, sendo um exemplo este dossiê da Revista Museologia e Patrimônio.

A propósito, no número especial dedicado ao esporte da revista *Acervo* (v. 27, n. 2, 2014⁶), periódico do Arquivo Nacional, podemos ver um panorama inicial desses avanços – artigos dedicados a acervos, centros de memória, museus, processo de patrimonialização, entre outros. Pode-se mesmo sugerir que a chamada década dos megaeventos, quando o Brasil recebeu os principais eventos esportivos mundiais, pode ter sido um fator que ajudou a chamar a atenção para o tema.

O fato é que cada vez mais surgem iniciativas relacionadas ao tema, ainda que essas sejam mais usuais do ponto de vista privado (clubes e acervos particulares) do

⁶ Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/41>> Acesso em: 23 Março 2021.

que do poder público. Nesse cenário, o Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, procurou dar suas contribuições, dentro dos seus limites de atuação e procurando exponenciar suas peculiaridades de ser um coletivo acadêmico.

Constantemente, ressaltamos em nossos debates aquilo que chamamos de duplo compromisso da história do esporte: aquele que tem em conta suas potenciais contribuições para o entendimento da prática em si e aquele que encara o fenômeno como indicador de determinados temas a serem discutidos no tempo e no espaço. Os debates e iniciativas promovidas ao redor do patrimônio esportivo atendem plenamente a tais preocupações,

Vale enfatizar que nos afastamos de uma visão idealizada de patrimônio, nos aproximando do que sugerem Glevarec e Saez (apud HARTOG, 2006. p. 270): “o patrimônio não deve ser visto a partir do passado, mas a partir do presente, como categoria de ação do presente e sobre o presente”. Gonçalves chama bem atenção para a necessidade de termos em conta que:

os patrimônios são menos expressões de identidades do que meios de produção de determinadas formas de autoconsciência individual e coletiva. O debate sobre os patrimônios não deve, portanto, do ponto de vista analítico, limitar-se às tarefas de descobrir, defender e preservar “identidades” supostamente dadas. Essa noção deve ser problematizada, sendo necessário também, ao mesmo tempo, discutir a noção de “patrimônio”, como ela emerge na história da modernidade e quais os perfis semânticos que ela veio a assumir (GONÇALVES, 2015, p. 213).

Assim sendo, temos defendido que:

Entabular ações ligadas ao patrimônio esportivo é, portanto, também contribuir para lançar novos olhares para o passado, o percebendo de forma mais múltipla, com mais matizes, com mais agentes envolvidos. Da mesma forma, tais iniciativas podem impactar a maneira de conceber a cidade ao estimular reflexões sobre o espaço público, gerar oportunidades para que os habitantes se identifiquem com o seu local, se orgulhem das suas cercanias, chave para desencadear a reivindicação de que as políticas públicas abranjam toda a cidade, não só determinados temas e áreas privilegiados (MELO; FONSECA; PERES, 2017).

Parece-nos indiscutível a importância do patrimônio esportivo. Cabe-nos seguir entabulando ações no sentido de cada vez mais valorizar e dar visibilidade ao assunto.

Referências

- BAAS, Christopher; GIBSON, Angela. 86° 10' 54" o, 39° 46' 1" n: utilizando sistemas de informação geográfica para documentar paisagens esportivas históricas. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-16, 2015.
- BROMBERGER, Christian. De la notion de patrimoine sportif. *Cahier Espaces*, Paris, n. 88, p. 8-12, 2006.
- BUENO, Beatriz Piccoloto Siqueira. Arqueologia da paisagem urbana: lógicas, ritmos e atores na construção do centro histórico de São Paulo (1809-1942). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 64, p. 99-130, ago. 2016.
- FAGUNDES, Marcelo. O conceito de paisagem em arqueologia – os lugares persistentes. *Holos environment*, Rio Claro, v. 9, n. 2, p. 301-315, 2009.
- FONSECA, Vivian Luiz. *Patrimônio cultural imaterial no Brasil: o registro da capoeira como estudo de caso*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: PPHPBC/CPDOC/FGV, 2014.
- GONÇALVES, José Reginaldo. *A Retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.
- GONÇALVES, José Reginaldo. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jun. 2015.
- HARTOG, F. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul.-dez. 2006.
- MELO, Victor Andrade de. *Rio Esportivo: uma história do esporte na cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- MELO, Victor Andrade de. *A vida esportiva de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 2020.
- MELO, Victor Andrade de; CHEVITARESE, André Leonardo. Embates na sociedade fluminense: a experiência do Prado Guarany (1884-1890). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 235-258, ago. 2018.
- MELO, Victor Andrade de; CHEVITARESE, André Leonardo. Uma arqueologia do esporte: a paisagem do Prado Guarany (1884-1890). *História*, Assis/Franca, v. 39, e2020002, 2020.
- MELO, Victor Andrade de; FONSECA, Vivian; PERES, Fabio de Faria. Patrimônio esportivo: um tema de investigação. *Projeto História*, São Paulo, v. 59, p. 261-284, 2017.
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. *Primórdios do esporte no Brasil – Rio de Janeiro*. Manaus: Reggo Edições, 2016.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28. 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. História, memória e centralidade urbana. *Revista Mosaico*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.
- RAMSHAW, G. *Nostalgia, Heritage, and Imaginative Sports Geographies: Sport and Cultural Landscapes*. Forum UNESCO University and Heritage / 10th International Seminar “Cultural Landscapes in the 21st Century”, Newcastle, 11-16 April 2005.
- RICOEUR, Paul. Architecture et narrativité. *Urbanisme*, Paris, n. 303, p. 44-51, 1998.
- ROCHA JÚNIOR, Coriolano Pereira da; SANTOS, Henrique Sena dos. *Primórdios do Esporte no Brasil – Salvador*. Manaus: Reggo Edições, 2016.

SOUSA, Ana Cristina. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus*, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 291-300, 2005.

WOOD, Jason. Talking Sport or Talking Balls? Realising the Value of Sports Heritage. *Industrial Archaeology Review*, v. XXVII, n. 1, 2005.

WOOD, Jason. Archaeology and sports history: towards an inclusive methodology. *The International Journal of the History of Sport*, v. 33, n. 6-7, p. 752-756, 2016.

ZEPEDA, Vinícius. Projeto mapeia patrimônios históricos esquecidos do estado. *Boletim da Faperj*. Julho, 2015. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/projeto-mapeia-patrimonios-historicos-esquecidos-do-estado/>. Acesso em: 15 ago. 2015.

Data de recebimento: 26.02.2021

Data de aceite: 16.03.2021